



EL FUTURO DE LOS MUSEOS  
ETNOLÓGICOS CONSIDERACIONES  
INTRODUCTORIAS PARA UN DEBATE

Xavier Roigé, Esther Fernández  
Iñaki Arrieta (Coordinadora/es)

3

# **SIGNIFICADOS ESGOTADOS: SOBRE MUSEUS E COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS**

JORGE FREITAS BRANCO

ISCTE, Lisboa

## **1. REPRESENTAÇÕES PASSADAS?**

No panorama museológico português predominam os pequenos museus de etnografia e de arqueologia, perfazendo quase a quarta parte da totalidade das estruturas existentes e como tal auto-designadas. A maioria pertence a municípios (Neves & Santos, 2006: 16). O fenómeno tem equivalente nos Heimatmuseen da Alemanha ou nos musées de terroir, de França (cf. Gorgus, 2003).

O património etnográfico não é um exclusivo das estruturas museológicas referidas. Ao sector público junta-se o do associativismo cultural sem fins lucrativos, onde se incluem os agrupamentos folclóricos. Quase sempre detêm aquilo que designam por colecção etnográfica, ou simplesmente etnografia, exposta numa sala de convívio, destinada a servir de referência e legitimação ao repertório musical detido. Às alfaias agrícolas juntam-se fotos antigas com cenas das fainas campestres, mais raramente com a indumentária outrora usada. Tais arranjos feitos de objectos construtores de tradição complementam os testemunhos da vida artística do agrupamento: fotografias de espectáculos e os prémios obtidos. Tanto os pequenos museus, como as colecções etnográficas referidas são ingredientes insubstituíveis na fabricação de identidade local.

A cultura material mantida nestes museus e a reunida nas colecções etnográficas avulsas referidas, destinam-se a representar um passado. Foram constituídas e colocadas em exposição num contexto de transformações sociais originadas pelo êxodo rural iniciado nos anos 1960 (migrações para os aglomerados urbanos dentro do país e para a Europa, sobretudo França). A integração europeia, a partir de 1986, provocou a desagrarização do interior do país e o fim do

campesinato. A agro-indústria assente em elevada componente tecnológica pratica-se em algumas áreas bem delimitadas. A produção é feita por máquinas, estando libertada de mão-de-obra.

As novas gerações não têm relação com a artefactualidade consagrada nestas colecções. São objectos que constituem um suporte identitário para os mais idosos, que assim recordam uma vivência a que fugiram na sua juventude.

A um visitante ocasional estas estruturas museológicas sucedem-se à medida que se percorrem vilas e aldeias. Repetem-se os artefactos expostos, os processos para que remetem são os mesmos, coincidem ainda as memórias invocadas. Visitar estes museus etnográficos locais significa cumprir percursos de monotonia, mantidos à margem da avaliação crítica que pode proporcionar a estatísticas de visitantes. Vivem para dentro como resíduo da memória de uma geração, não estabelecendo laços para além de um tempo e espaço determinados.

Os museus etnográficos de identidade local não se orientam para atrair um público forasteiro. Vigora um discurso repetitivo sobre um passado pautado pela sucessão de ciclos agrícolas. Vista uma aldeia, conhecem-se todas. Diferem pela casualidade de algum artefacto de decoração doméstica diferente, doado por algum residente, que consegue interromper a recapitulação de acervo que cada um constitui do anterior.

A ausência de repercussão externa que caracteriza estes pequenos museus etnográficos parece ser sintoma de um mal-estar generalizado também ao nível das instituições congéneres nas grandes cidades. Os museus (nacionais) de etnografia (etnologia ou antropologia como se possam também designar), que acolhem colecções exóticas, não conseguem aumentar, nem sequer estabilizar a estatística de frequência. Reflectindo sobre as eventuais causas, não podemos deixar de pressentir indícios de um esgotamento: a identificação disciplinar (etnográfico) na designação da instituição (museu) não é um aliciante. Formule-se uma hipótese: os museus podem despertar interesse, mas quando etnográficos desmotivam. Será um fenómeno português?

O Museu da Luz, na aldeia do mesmo nome, parece confirmar a hipótese. Inaugurado em Novembro de 2003, a ideia da sua criação foi uma das consequências da construção da barragem de Alqueva, no rio Guadiana, que obrigou à transferência da aldeia com cerca de duas centenas de habitantes antes da inundação do território (Museu da Luz, 2008). Em Fevereiro de 2002 fecharam-se as comportas, iniciando-se o enchimento da represa e em Novembro do mesmo ano foi inaugurada a nova aldeia construída a cerca de dois quilómetros da antiga.

Trata-se de um pequeno museu em edifício concebido de raiz, situado numa área contígua ao cemitério e à igreja. Define-se como um “depósito de memória colectiva” (Saraiva, 2007: 442). Dispondo de uma colecção etnográfica reunida com a colaboração da população antes da destruição da aldeia antiga, não se trata de um museu etnográfico de incidência local, equiparável aos outros a que me venho referindo. Baseia-se num projecto pensado em função dum acontecimento único na vida daquela população. Tanto o espaço concebido, como a programação desenvolvidos não nasceram de um propósito de encenar o quadro pitoresco de uma vivência rural. Recorrendo aos objectos da vida agrícola recolhidos, quis-se introduzir no processo social da aldeia deslocada o factor memória como actividade instituída. O museu foi pensado por especialistas, promovido pela empresa concessionária da barragem (EDIA, 2008), feito à medida daquela população, em função dum acontecimento e em constante diálogo com as pessoas. A colecção etnográfica é um recurso condutor de memória e não o objectivo principal. O museu acolhe um sentimento colectivo vivido e só subsidiariamente artefactos. Enquanto o cemitério e a igreja invocam a territorialidade perdida, o museu é o instrumento que reterritorializa (García Canclini, 2001) os indivíduos. Isto é o oposto dos vulgares museus etnográficos espalhados pela província, que foram pensados “em cima” para educar “os de baixo”.<sup>1</sup> Trata-se de um museu de comunidade.

---

<sup>1</sup> Têm sido equacionadas perspectivas similares como alternativa à multiplicação de colecções etnográficas de equipamento rural em pequenos museus. A mudança de atitude proposta assenta na crítica à cultura popular anteriormente representada, contrapondo-se

## 2. TEMPO DE TURBULÊNCIA

O final de milénio caracterizou-se pela proliferação de grandes projectos museológicos, com edificações concebidas de raiz ou a ampliação de estruturas existentes. É uma tendência à escala internacional, abrange todos os continentes e é liderada pelos museus de arte (cf. Lampugnani & Sachs, 1999; Greub & Greub, 2007). A qualidade do acervo guardado num museu e o seu programa expositivo são factores secundarizados na sua reputação, atribuindo-se uma importância crescente à autoria arquitectónica e à visibilidade alcançada pela obra edificada. O caso Guggenheim Bilbao (cf. Guasch & Zulaika, 2007) tornou-se um paradigma no que respeita o papel do factor cultural na requalificação de uma cidade esgotada pelo industrialismo. Tanto os museus existentes como os projectos em vista tornaram-se elementos constitutivos da paisagem urbana, da mobilização dos cidadãos e da atractividade turística.

As alterações e as novas tendências no panorama museal forçam reformulações sectoriais, conduzindo a uma situação de turbulência que assola actualmente os museus etnográficos. Vale a pena situar enumerar alguns desses contextos.

Em Paris, o Musée de l'Homme desde 1937 instalado numa ala do Palais de Chaillot, no cimo da colina frente à torre Eiffel, já não existe. Foi uma das instituições de referência no plano internacional, até pela abrangência do acervo de que dispunha. As suas colecções exóticas foram transferidas para o musée du quai Branly (MQB), uma construção de raiz inaugurada em 2006 (Dupaigne, 2006; L'Estoile, 2007; Price, 2007). Ainda no domínio das etnografias exóticas, também o Musée national des Arts africains et océaniens (MAAO) seria igualmente extinto, transitando o espólio para o MQB. Suprimiram-se dois museus etnográficos, criando-se um novo, dotado de um edificio construído de raiz (Musée, 2008).

---

uma cultura do trabalho. Esse enquadramento assentaria na constituição de colecções de artefactos técnicos, colocando a ênfase na memória antiga, recente e actual produzida pela introdução e presença de máquinas e das mudanças culturais verificadas devidas à mecanização e à tecnologia da agricultura (Branco, 2005).

O Musée national des Arts et Traditions populaires (ATP) configurava nas colecções que possuía a etnografia de uma França vista predominantemente como sociedade rural. Criado no tempo da Frente Popular em simultâneo com o Musée de l'Homme, dispunha de um edifício concebido de raiz, inaugurado nos anos 70. Fechou as suas portas em 2005, devendo o seu espólio ser deslocalizado para Marselha, onde se aguarda a criação de uma nova estrutura com maior abrangência geográfica (Bromberger, 2007). Ao extinto ATP apontava-se a perda de visitantes verificada desde os anos 1990, como o prelúdio da condenação (Segalen, 2006).

Também em Madrid se assiste ao redimensionamento dos seus grandes museus. A inauguração, em 2005, do Museo del Traje (Museo d, 2008)<sup>2</sup> foi o termo de um processo de extinção do Museo Antropológico, criado em 1992, que por sua vez, englobava os anteriores Museo del Pueblo Español e o Museo Nacional de Etnología. Enquanto o primeiro dispunha de acervo reunido nas diversas regiões de Espanha, o segundo albergava as colecções de origem exótica. Este último mantém-se sob a designação de Museo Nacional de Antropología (Museo N, 2008). Como se verificou em Paris, também em Madrid o termo etnográfico por si ou nos seus equivalentes (etnológico, antropológico) não goza de aceitação unânime.

Como último exemplo, refiro a cidade de Lisboa, onde o Museu de Arte Popular (de “interior”) foi extinto em 2006, embora estivesse desde há seis anos fechado para obras. Inaugurado em 1948, mantinha inalterada uma exposição permanente, que impôs a sucessivas gerações de visitantes um Portugal feito de harmonizações bucólicas. O discurso museográfico referia arte popular e não etnografia. As colecções reverterão para o Museu Nacional de Etnologia, que possui colecções domésticas e exóticas.

---

<sup>2</sup> Museo del Traje CIPE (Centro de Investigación del Patrimonio Etnográfico).

### 3. UM DEBATE IMAGINADO

Importa agora analisar justificações e críticas às transformações verificadas ou propostas para alguns museus etnográficos actuais. Para o efeito irei colocar num confronto fingido as posições assumidas recentemente em Madrid e em Berlim, que envolvem o Museo del Traje e o Ethnologisches Museum.

#### 3.1. O Museo del Traje

Com o fim do franquismo, a instalação do regime democrático e a consolidação das autonomias, a Espanha conheceu uma transformação profunda no seu panorama museológico, evidenciando-se os museus de arte (Holo, 2002). Do seu estudo deduz-se ainda que os museus etnográficos detêm posição marginal.

Em Janeiro de 2004 foi inaugurado o Museo del Traje (MdT). Foi o culminar de uma polémica em envolvendo parte significativa da comunidade antropológica. Um artigo de Ascensión Barañano e María Cátedra (2005) apresenta uma perspectiva crítica da nova instituição.

O MdT surge das cinzas do até então designado Museo Nacional de Antropología (MNA), criado em 1993, para juntar o legado de outras duas: o Museo del Pueblo Español (MPE) e o Museo Nacional de Etnología. As colecções que cada um possuía distinguiam-se pela diferente procedência das objectos. O primeiro dedicava-se ao interior, o segundo ao exterior (Barañano & Cátedra 2005: 242). Perante uma aparente ineficácia da medida reformadora – o ex-MPE permanecia fechado ao público –, as autoridades da cultura resolvem proceder a nova reorganização, desanexando a estrutura dedicada ao “interior” e transformando-a num outro museu, com nova designação, mas herdando boa parte das colecções. A vertente “imperial” permanece, novamente independente, como Museo Nacional de Antropología.

Com instalações situadas na Cidade Universitária, onde estava o MNA (a parte sucedida ao MPE) apresenta-se na internet da seguinte forma: “El Museo del Traje. Centro de Investigación del Patrimonio Etnológico es un museo nacional dependiente del Ministerio de

Cultura. Su objetivo básico es promover el conocimiento de la evolución histórica de la indumentaria y de los testimonios del patrimonio etnológico representativos de las culturas de los pueblos de España”<sup>3</sup>. Orientado para a indumentária, acolhe o património etnológico, justificando assim as colecções etnográficas do “interior” incorporadas.

A. Barañano e M. Cátedra focam em primeiro lugar o redireccionamento de valores que a criação da nova instituição trouxe e instaura. Enfatizar o corpo, o consumo, a moda, a aparência, traduzindo-se estes aspectos no enaltecimento e distinção do papel desempenhado pelas elites na sociedade. Dos valores e dos grupos sociais a eles associados dependeu a viragem que as autoras verificam ter ocorrido na instituição. Aos museus etnográficos estava associada uma visão de cultura centrada nos seus produtores: o mundo do trabalho e a vida quotidiana do ponto de vista das classes subalternas. Eram domínios da cultura qualificados como populares, associando-se a esta noção a criação colectiva, anónima. No novo museu a cultura salvaguardada vem de autores identificados. São os grandes costureiros ligados à indústria da moda. Nem do traje usado ao longo do tempo pelas classes populares se trata, pois dessa artefactualidade poucos vestígios restam e não haverá interesse em compilá-los: “Ocuparse del común deja de ser el rasgo esencial que, con más o menos coherencia, caracterizó desde sus orígenes a los museos estatales de cultura. La historia de los pueblos vuelve a contarse con la vida de reyes y élites, con los usuarios del “traje nacional español” (Barañano & Cátedra 2005: 243-244).

A relação entre o museu e a sociedade manifesta no MdT é alvo de apreciação negativa. A instituição nasce de vontade vinda de cima, sem que a comunidade antropológica fosse chamada a participar (Barañano & Cátedra 2005: 236-237). Decisão governamental, convergência com sectores da indústria da moda, alteração da designação da instituição, foram os parâmetros para inserir uma instituição museológica na sociedade. Neste procedimento as autoras

---

<sup>3</sup> <http://museodeltraje.mcu.es/index.jsp?id=11&ruta=2>, acedido em 06-04-2008.

denunciam a opção de “cariz elitista” (Barañano & Cátedra 2005: 243).

Das considerações tecidas pelas antropólogas de Madrid retenho a questão da política de colecções. A reorientação em termos da condição social antes preferencialmente visada exprime-se na opinião de um governante: “Adelantaba, sin embargo, que se iba a crear una nueva entidad museística con esta sección, que no podría seguir llamándose Museo de Antropología, dado que el calificativo de ‘antropología’ ‘no le gustaba nada’” (Barañano & Cátedra 2005: 237). Como consequência, abandona-se o método etnográfico (trabalho de campo, recolhas junto das pessoas e grupos em estudo) como pedra de toque da acção em antropologia museológica. O cerne da crítica à nova instituição, está o método, que por sua vez traduz uma atitude: “Lo importante no es tanto lo que se estudia, sino cómo se estudia. El problema del Museo del Traje no es que se ocupe del traje sino que se ocupa mal” (E. Luque citado em Barañano & Cátedra 2005: 247).

### **3. 2. O Humboldt-Forum**

Humboldt-Forum é um projecto cultural de envergadura a ser instalado no centro da cidade de Berlim. Resulta de um consórcio, onde participam quatro entidades: uma universidade, uma agência federal, uma biblioteca e uma fundação proprietária de museus.<sup>4</sup> Congregaram esforços para potencializar o património que cada uma possui, ao que se junta a localização privilegiada no coração da cidade reunificada. A ideia nasceu como proposta urbanística destinada a preencher um espaço em acesa controvérsia desde o fim da Guerra Fria. A área em questão chamou-se Schlossplatz (praça do Palácio) até 1945 e foi rebaptizada na década seguinte de Marx-Engels-Platz. Ali existiu o palácio residencial no tempo da monarquia, que a guerra reduziu a ruínas. O regime socialista optou

---

<sup>4</sup> Humboldt-Universität, HUB, ([www.hu-berlin.de](http://www.hu-berlin.de)), Bundeszentrale für politische Bildung, BpB, (Federal Agency for Civic Education, [www.bpb.de](http://www.bpb.de)), Zentral-und Landesbibliothek Berlin, ZLB, (The Central and Regional Library Berlin, [www.zlb.de](http://www.zlb.de)) e Stiftung Preussischer Kulturbesitz, SPKB, (The Prussian Cultural Heritage Foundation, [www.hv.spk-berlin](http://www.hv.spk-berlin)). Sites acedidos em 09-04-2008.

por não reconstruí-lo, salvando-lhe a fachada da entrada principal com a respectiva varanda, de onde, em 1919, se havia proclamado uma efémera república socialista alemã (a de Weimar foi declarada como resposta às forças insurgentes que ocupavam Berlim), integrando-a num novo edifício governamental contíguo (Staatsratsgebäude).

Na década de 70, surgiria uma nova edificação, o palácio da República (Palast der Republik) a preencher o local, sendo que para norte manter-se-iam a catedral protestante (Berliner Dom) e a Galeria Antiga (Alte Galerie), que dá acesso à ilha dos Museus. A auto-extinção da RDA como estado colocou vários desafios relativos ao património edificado durante a sua vigência. O Palast der Republik tornou-se um dos assuntos mais polémicos na controvérsia sobre o requalificação daquele espaço, pela produção simbólica que continha: ali havia funcionado o parlamento do regime socialista, para além de ser um grande centro cultural. Debatem-se à exaustão as diversas opções possíveis: o desmantelamento, a remodelação ou uma nova construção (Schlug, 2007). A esta questão está também ligada a do desaparecido palácio imperial, onde haviam residido e reinado os Hohenzollern, até o seu último representante abdicar, em 1918.

A proposta do Humboldt-Forum nasce no quadro desta polémica pós-comunista sobre urbanismo e conjuga-se com propostas lançadas desde 1990 com vista à reedificação do antigo palácio<sup>5</sup>. Num site os promotores da iniciativa divulgam o seu projecto, de onde retirei as declarações a seguir apresentadas<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> O projecto e a realização da obra foram aprovados pelo parlamento federal, competindo ao governo a execução. O início dos trabalhos tem marcadas as datas, consultar: <http://www.bmvbs.de/-,1768.933336/Aktuelles-zum-Thema-Schlossare.htm>, acedido em 09-04-2008.

<sup>6</sup> As entrevistas estão disponíveis em <http://www.humboldt-forum.de/interviews/>, acedido em 09-04-2008. São intervenientes: o presidente da BpB, Thomas Krüger (TK), o presidente da SPKB, Klaus-Dieter Lehman (KDL), a directora-geral da ZLB, Claudia Lux (CL) e o presidente da HUB, Christoph Marksches (CM). Duração total: 00: 15: 31. O resumo é da minha responsabilidade.

O Humboldt-Forum é uma ideia nascida na fundação dos museus, que assenta no desejo de difundir conhecimento numa base interdisciplinar (TK). A localização do projecto abrange dois sítios emblemáticos, que se relacionam: a ilha dos Museus e a praça do Palácio. Os museus de que dispõe mostram a história das ideias europeias desde o início até ao presente. Estão ausentes as culturas não-europeias [instaladas nos museus de Dahlem, distantes do coração da cidade] para que esta afirmação adquira o seu pleno sentido. Pela sua designação o projecto invoca a acção dos dois irmãos, assim como a universidade que com o seu nome lhes presta homenagem (KDL). Trata-se de criar um lugar, onde confluem comunicação, diálogo e estrutura museal (CL). As colecções universitárias estão pouco divulgadas junto do público, mas o que se pretende, não é criar mais um museu etnográfico. Tendo em mente o impacto que as jangadas dos Mares do Sul expostas em Dahlem produzem junto dos visitantes, assume-se que ciência deve ser também fruição, não podendo esta última ficar resumida a palestras. Além do texto, devem conjugar-se imagens e modelos. Para lá das conferências deve estar presente o debate (CM).

O Forum promove o diálogo entre as culturas. Alexander von Humboldt combateu o eurocentrismo da ciência alemã, afirmação que é feita relembrando o impacto visual das jangadas dos Mares do Sul. Quanto ao irmão Wilhelm, ele permanece como referência para uma ciência inovadora e para reinventarmos a universidade (CM). Dahlem constitui um arquivo etnográfico à escala mundial, que até agora só tem sido explorado nos aspectos monográficos sobre as diversas populações nele representadas. Importa dar ênfase à influência nas artes, na moda, no cinema: há que criar ligações a este arquivo da humanidade (KDL). Importa impulsionar esforços integradores: o público na biblioteca deve ser confrontado com outros suportes informativos, tais como artefactos, CDs, vídeos (CL). Urge contribuir para os grandes debates sobre temas, como a globalização equacionada numa dimensão crítica, e não ideológica. Os argumentos devem assentar no conhecimento adquirido, estimulando um discurso profissionalizado e qualificado. O centro da cidade de Berlim é um local privilegiado para equacionar as questões do global, incluindo as posições críticas (TK).

O Humboldt-Forum tornar-se-á uma referência obrigatória na Alemanha. Há que restituir à antiga praça do Palácio (Schlossplatz) a relevância política que sempre a distinguiu. O projecto Humboldt-Forum criou uma alternativa ao dilema em que caíra a discussão sobre a requalificação urbana daquele lugar: Que solução adoptar para a fachada: uma opção moderna ou uma repondo o estilo barroco? Que tipo de investidor atrair: para instalar um hotel ou um casino? Está em causa o sítio mais nobre da cidade (KDL). A praça tem de ficar para fruição pública (TK). A cidade precisa do Humboldt-Forum como suporte do diálogo com o mundo. Berlim reúne essas condições: a biblioteca é a memória do mundo, os museus mostram a diversidade que caracteriza a humanidade, nenhuma outra cidade dispõe desta combinação de factores (CL). Só nesta cidade é possível concretizar este projecto, porque aqui já está tudo junto. Enquanto em Londres se desmembra (British Museum e a British Library), na capital alemã volta a fundir-se o que já esteve junto (CM).

Uma Humboldt-Box servirá de antevisão do fórum. Seguindo o exemplo da Info-Box do Potsdamer Platz, também o Humboldt-Forum vai dispor de uma instalação análoga<sup>7</sup>. Deve ter a forma de uma casca de noz, destinada a albergar um laboratório de reflexão. Antecipará em escala reduzida o que acontecerá no fórum. Numa área de 600 a 800 m<sup>2</sup> vão ser organizados eventos para atrair berlinenses e turistas. É preciso ter em conta que a ilha dos Museus fica ao lado e recebe 2,2 a 2,3 milhões de visitantes por ano (KDL). Na box haverá demonstrações do que será feito no futuro (CL). As acções a empreender devem revelar um espírito de interdisciplinaridade. A exposição sobre os trópicos será uma

---

<sup>7</sup> Na década que se seguiu à queda do muro, o Potsdamer Platz foi alvo duma reformulação urbanística, para tornar-se no novo centro da cidade unificada. Durante cerca de uma década o lugar era um enorme estaleiro, cuja actividade constituía em simultâneo um espectáculo organizado para o público. Havia um ponto central de observação, a Info-Box, onde decorriam as visitas guiadas. Veja-se: WALTHER, Manfred & Andreas CZESCHKA (2002) *Popular Mechanics Berlin Potsdamer Platz 1990-2000*, [DVD, 49'], Berlim, Diesel & Dünger Filmproduktion. ISBN 3-937045-39-2.

antevisão do que se pretende alcançar com o Humboldt-Forum (TK)<sup>8</sup>.

A arquitectura é sempre propícia a controvérsias. No que respeita o palácio a reconstituição da fachada deve ser ponto assente, enquanto o interior obedecerá a uma solução modernizada, de modo a satisfazer as funções a que se destina (TK). A fachada ao estilo barroco deve ser um apontamento para a nossa memória e não uma réplica do original. Do ponto de vista urbanístico, é impossível pensar a ilha dos Museus sem o palácio, pois ele foi concebido para ter à sua frente um complexo dedicado às artes e à ciência. As culturas do mundo, qual arquivo transparente que se quer colocar no interior do Humboldt-Forum terá algo equiparável ao palácio. Vai ser possível deambular pelo seu interior: passeia-se pelas colecções etnográficas, à sombra de palmeiras (KDL). A concepção do Humboldt-Forum não depende de uma fachada. As jangadas dos Mares do Sul, ficarão ali devidamente expostas. Reconstituição da fachada? Talvez sim. Importante é garantir o cariz público da praça, um espaço onde os cidadãos possam aceder ao conhecimento (CM).

Iniciar uma viagem ao futuro. Imagino milhares de pessoas andando pelo fórum, é como uma praça de mercado ao vivo, onde cada qual vai à procura de qualquer coisa no meio daquela grande oferta. As pessoas sentem-se como que atraídas por um ímã (CL). Logo à entrada os visitantes têm a oportunidade de fazer o seu itinerário (sessões de leitura, concertos, espectáculos): será a escolha feita por cada um para aceder ao conhecimento (TK). Antevijo uma ágora, onde se desenrolam acções integradas em ambiência de casa do povo, divulgando um saber desacademizado, provocando um despertar de sentidos, no conjunto, um clima de arraial. É como se fosse o movimento de um aeroporto: consoante a sua motivação, o visitante opta por seguir em direcção a um dos cinco continentes (KDL). Imagino o presidente da universidade dentro de uma das jangadas da Polinésia numa animada discussão com um artista sobre a importância dos casarões colectivos masculinos na organização das

---

<sup>8</sup> A exposição realizou-se em 2006, no Museu Etnológico, cf. <http://www.kartographie-der-tropen.de/1-0-home.html>

sociedades dos Mares do Sul e as possíveis ilações a tirar tendo em vista o futuro da sociedade alemã (CM).

## CONCLUSÃO

Está esgotada a mensagem transmitida pelos museus etnográficos ao público. Postos dois contextos em confronto (Museo del Traje, em Madrid e Humboldt-Forum, em Berlim), constataram-se convergências e dissonâncias.

Relativamente ao espaço ocupado, o novo museu madrileno foi instalado no edifício que antes havia sido um museu etnográfico de índole clássica, com colecções domésticas. Mudou a designação, integrou-se o acervo antigo. Em Berlim, mantém-se os museus etnográficos existentes, o Forum não será um novo museu etnográfico, mas uma estrutura, onde se integrarão partes seleccionadas das colecções disponíveis nos museus etnográficos existentes. Em ambos os casos pretendem-se as colecções, mas não no seu quadro institucional de origem. Apaga-se o papel do museu etnográfico, mas resgatam-se as suas colecções.

A tendência para desanexar as colecções etnográficas dos respectivos museus de que faziam parte é acompanhada da definição de novos temas para as estruturas criadas. No MdT é o corpo e o consumo focados no têxtil e na moda; em Berlim, pretende-se evidenciar o papel das culturas não-europeias na história das ideias do Ocidente, visto na arte, na moda, no cinema. Em Paris, fecharam-se os museus etnográficos, concentraram-se as colecções exóticas num novo, onde prevalece a interpretação estética das colecções etnográficas. Em Lisboa, em torno do Museu Nacional de Etnologia parece acender-se alguma crítica, embora com contornos ainda difusos (Durand, 2007: 380-383).

A liquidação de museus etnográficos é acompanhada de uma revalorização das colecções tornadas órfãs. As instituições que as herdaram valorizam determinados critérios da sua “biografia cultural” como coisas (Kopytoff, 1986): antiguidade, raridade, originalidade, proveniência. É o fim do quotidiano, do comum, do popular, da incidência no produtor. Retirar as colecções do contexto museológico

em que estavam, colocando-as em complexos museais centrados na aparência e no consumo e não na produção e na funcionalidade dos artefactos.

Neste texto propus-me discutir trânsitos de colecções etnográficas observados no tempo presente. Verificou-se haver uma oscilação no exercício de hegemónias: a leitura científica cede lugar à apropriação estética. Estes processos de “re-institucionalização e de representação das colecções” (Shelton, 2006: 75) desvendam os valores influentes no mundo da globalização.

## BIBLIOGRAFIA

EDIA [Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas de Alqueva, S. A.] <http://www.edia.pt> (acedido 22-02-2008).

HUMBOLDT-FORUM: <http://www.humboldt-forum.de/interviews/> (acedido 22-02-2008).

MUSÉE DU QUAI BRANLY: <http://www.quaibrantly.fr/> (acedido 12-04-2008).

MUSEO DEL TRAJE: <http://museodeltraje.mcu.es/> (acedido 12-04-2008).

MUSEO NACIONAL DE ANTROPOLOGÍA: <http://mnantropologia.mcu.es/> (acedido 12-04-2008).

MUSEU DA LUZ: <http://www.museudaluz.org.pt/> (acedido 22-02-2008).

BARAÑANO, Ascensión, M. CÁTEDRA (2005) “La representación del poder y el poder de la representación: la política cultural en los museos de Antropología y la creación del Museo del Traje”, *Política y Sociedad*, 42, 3, pp. 227-250. Disponible en la [www: http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/11308001/articulos/POSO0505330227A.PDF](http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/11308001/articulos/POSO0505330227A.PDF)

BRANCO, Jorge Freitas (2005) *Máquinas nos campos. Uma visão museológica*, Oeiras, Celta Editora.

BROMBERGER, Christian (2007) «D’un musée... l’autre. Réflexions d’un observateur participant», *ETNOGRÁFICA* [online]

11-2 [citado 17 Abril 2008], pp.407-420. Disponível na www: [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65612007000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612007000200006&lng=pt&nrm=iso).

DUPAIGNE, Bernard (2006) *Le scandale des arts premiers. La véritable histoire du musée du quai Branly*, Paris, Mille et Une Nuits.

DURAND, Jean-Yves (ed.) (2007) “Este obscuro objecto do desejo etnográfico: o museu”, *ETNOGRÁFICA*. 11-2 [citado 20 Febrero 2008], pp. 373-386. Disponible en la World Wide Web: [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S087365612007000200004&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087365612007000200004&lng=es&nrm=iso).

GARCÍA CANCLINI, Néstor (2001) *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*, Buenos Aires, Paidós.

GORGUS, Nina (2003) *Le magicien des vitrines*, Paris, Éditions MSH.

GREUB, Suzanne & T. GREUB (eds.) (2007) *Museus do século XXI. Conceitos, Projectos, Edifícios*, Munique, Prestel.

HOLO, Selma Reuben (2002) *Más allá del Prado. Museos e identidad en la España democrática*, Madrid, Akal.

KOPYTOFF, Igor (1986) “The cultural biography of things. Commodization as process” in A. APPADURAI (ed.) *The social life of things. Commodities in cultural perspective*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 64-91.

L’ESTOILE, Benoît de (2007) *Le goût des Autres. De l’exposition coloniale aux arts premiers*, Paris, Flammarion.

LAMPUGNANI, Vittorio M. & A. SACHS (eds.), (1999) *Museus para o novo milénio. Conceitos, Projectos, Edifícios*, Munique, Prestel.

NEVES, José Soares & Jorge A. SANTOS (2006) *Os museus em Portugal no período 2000-2005. Dinâmicas e tendências*, Lisboa, OAC [on line] [http://www.oac.pt/pdfs/OAC\\_Museus%20em%20Portugal\\_2000-2005.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/OAC_Museus%20em%20Portugal_2000-2005.pdf)

PRICE, Sally (2007) *Paris Primitive: Jacques Chirac's Museum on the Quai Branly*, Chicago, Chicago University Press.

SARAIVA, Clara (2007) “Um museu debaixo de água: o caso da Luz”, *ETNOGRÁFICA* [online] 11-2 [cited 22 February 2008], pp.441-470. Available from World Wide Web: [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65612007000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612007000200008&lng=en&nrm=iso)

SCHLUG, Alexander (ed.) (2007) *Palast der Republik*, Berlin, BWV.

SEGALEN, Martine (2005) *La vie d'un musée, 1937-2005*, Paris, Stock.

SHELTON, Anthony A. (2006) “Museums and Anthropologies: Practices and Narratives” in Sharon MACDONALD (ed.) *A Companion to Museum Studies*, [Oxford], Blackwell Publishing, pp. 65-80.